

# TEXTO FICCIONAL E MARGINALIDADE: A LOUCURA COMO ÍNDICE DE MARGINALIDADE EM LIMA BARRETO

*Idemburgo Frazão* (UNIGRANRIO)  
[idfrazao@uol.com.br](mailto:idfrazao@uol.com.br)

## 1. *Introdução*

As reflexões aqui desenvolvidas tratam de questões relacionadas à marginalidade, pelo viés da loucura, na obra de Lima Barreto, aproximando-as dos debates literários contemporâneos sobre a exclusão social. Em um primeiro momento, será comentado um tema marcante, presente em vários debates sobre a vida contemporânea: o lixo. Partindo de questões extraídas de textos do sociólogo polonês Zygmunt Bauman, refletir-se á sobre a fluidez das mudanças ocorridas na vida contemporânea.

Serão destacadas também questões relativas ao sentido dado às palavras “marginal” e “periferia”, na literatura, tendo como preocupação central a atribuição do termo marginal a autores e grupos, em alguns momentos da história recente da literatura brasileira, como é o caso da obra de Carolina de Jesus, da poesia marginal e da “literatura marginal de autores da periferia”. Na última parte do trabalho, será tratada, mais diretamente, a imbricação da trajetória literária de Lima Barreto com sua biografia, dando destaque ao caso da loucura. O trabalho contém algumas discussões sobre a marginalidade nas reflexões sobre a exclusão social, que termina por tratar os cidadãos como “refugos humanos”.<sup>251</sup>

## 2. *Vidas desperdiçadas, os refugos humanos*

Ao estudar a sociedade contemporânea, Zygmunt Buman costuma levar seus leitores a refletir acerca das instâncias do lixo na contemporaneidade, tratando-o como símbolo das transformações pelas quais os cidadãos contemporâneos passam. Bauman compara cidadãos excluídos a refugos.

A nova plenitude do planeta significa, essencialmente, uma crise aguda na *indústria de remoção do refugio humano*. Enquanto a produção do refugio humano prossegue inquebrantável e atinge novos ápices, o planeta passa rapida-

---

<sup>251</sup> Sobre a questão da marginalidade na literatura brasileira, ver Frazão (2011).

mente a precisar de locais de despejo e de ferramenta para a reciclagem do lixo. (BAUMAN, 2005, p. 13)

Assunto de inúmeros textos, ficcionais ou não, presente inclusive no cinema, protagonizando importantes documentários como “Lixo Extraordinário” e “Estamira” –, o lixo vai se transformando em um dos símbolos identitários da contemporaneidade. De acordo com Garcia-Canclini, a identidade é uma construção, uma narração. Bauman, em suas obras *Vida Líquida* e *Identidade*, dentre outras, mostra que a pós-modernidade traz, em seu compasso acelerado, um mal-estar causado pelas inúmeras mudanças ocorridas no dia a dia. As identidades escaparam do círculo concêntrico da tradição dos Estados Nacionais, tornando-se múltiplas, muitas vezes, diaspóricas – lembrando aqui dos estudos sobre as identidades de Stuart Hall (2003). Essas mudanças na concepção de identidade exigem que a própria perspectiva das alteridades seja reavaliadas. Surge, no bojo dessas reflexões, vários questionamentos como: o que é marginalidade e o que é periferia, quando os centros se movimentam feericamente? Que limites e desenhos “conformam” uma identidade se as fronteiras se diluem a cada dia? E o que é ser louco, quando as seguranças dadas pela razão não transmitem mais segurança e os seres humanos se tornam refugos?

Percebe-se, nesse novo milênio, a busca de políticas que possam auxiliar, não apenas em termos governamentais, o desenvolvimento de projetos no campo da cultura, principalmente no que tange às classes populares. O termo periferia, antes estudado apenas por um ângulo negativo, atualmente vem recebendo novos sentidos. A periferia continua sendo o “locus” dos desfavorecimentos, entretanto, as chamadas “vozes dos guetos”, as “vozes do morro” já começam a se levantar e buscam, por si mesmas, seus caminhos. Com certeza, Lima Barreto, gostaria de saber que, mesmo tardiamente, no terceiro milênio, as “vozes da periferia” começaram a se fazer ouvidas. (Cf. FRAZÃO, 2011)

### **3. *O marginal e o periférico na literatura brasileira***

Em literatura, quando se menciona a expressão “literatura marginal”, pensa-se, de imediato, na chamada geração mimeógrafo, na década de 1970. Entretanto, década antes, o termo “marginal”, na literatura brasileira, já havia sido bastante utilizado nas referências a obras literárias como as de Maria Carolina de Jesus, João Antônio e Lima Barreto. Antes de pôr em destaque, efetivamente, a questão da loucura na obra de Lima

Barreto, sob o viés da marginalidade e das periferias, é importante que se faça um breve comentário sobre as figurações das temáticas da marginalidade e das periferias na literatura brasileira. Os principais focos dessa parte do trabalho são: a poesia mimeógrafo, as narrativas e a biografia de Carolina de Jesus, João Antônio e o próprio Lima Barreto. Em alguns momentos do presente texto, as questões relacionadas a esses autores são postas em diálogo com uma das mais recentes vertentes da “literatura marginal”, que se autodenomina “marginal de periferia”. São os autores de uma literatura realizada por moradores da periferia (no caso da cidade de São Paulo), mais especificamente os participantes da COOPERIFA (Cooperativa Cultural da Periferia). O trabalho dessa cooperativa - que conseguiu maior visibilidade a partir da publicação de obras de seus participantes, principalmente dos escritores, Ferréz, na revista *Caros Amigos*, tornou-se um dos eixos da dissertação de mestrado da área da sociologia, transformada em livro, denominado *Vozes marginais na literatura*, da autoria de Érica Peçanha do Nascimento (2009).

A palavra marginal serve como adjetivo para aqueles que burlam as leis e também para quem contraria os costumes da tradição social. Essa dupla possibilidade de sentido inerente ao termo “marginal” faz com que, muitas vezes, a palavra seja observada apenas pelo ângulo da infração, ligada ao mundo do crime. Em termos gerais, marginal é aquele ator social que não se encaixa bem nas regras sociais. Mendigos e loucos, por esse prisma, passam a integrar a lista dos marginais. Sabe-se que os excluídos por condição social, de gênero ou de raça, poucas vezes conseguiram, ao longo da história ter sua voz efetivamente ouvida. E um dos primeiros escritores brasileiros a enfrentar o desafio de tratar os problemas das comunidades periféricas e dos cidadãos marginalizados a sério foi Lima Barreto. O próprio escritor era integrante dos grupos marginalizados e periféricos, morava nos subúrbios do Rio de Janeiro, era alcoólatra, mulato e pobre.

### **3.1. Sensibilidade e exclusão**

Como se pode perceber, a carreira literária do autor de *Os Bruzundangas* corre paralela com seus traços biográficos. Melhor explicando, Lima Barreto sentia-se um autor marginalizado e periférico. Não se trata, em seu caso, de simplesmente domiciliar-se nos subúrbios e ter crises provocadas pelo alcoolismo. O mulato pobre, jornalista temido e romancista pouco reconhecido, internalizava o que entendia ser uma exclu-

são e sofria muito por isso. Pode-se ratificar o que aqui se diz, recorrendo aos seus diários, cartas e textos autobiográficos, como se pode observar no trecho destacado a seguir, extraído de seu *Diário Íntimo*. Ali o autor reflete sobre os abalos causados pelo choque entre sua maneira de ser e a forma como a sociedade trata determinados atores sociais.

Desde menino, eu tenho a mania do suicídio. Aos sete anos, logo depois da morte da minha mãe, quando eu fui acusado injustamente de furto, tive vontade de me matar. Foi desde esta época que eu senti a injustiça da vida, a dor que ela envolve, a incompreensão de minha delicadeza, do meu natural doce e terno; e daí também comecei a respeitar supersticiosamente a honestidade, de modo que as mínimas cousas me parecem grandes crimes e eu fico abalado e sacolejante. (BARRETO, 1961, p. 135b).

No trecho destacado, Lima relembra acontecimentos da infância. Utilizando elementos guardados na memória, o autor afirma que sua sensibilidade em confronto com as injustiças sociais, o fez pensar em suicídio. O falecimento da mãe, precocemente, e sua própria maneira de ver a realidade, centrada no respeito “supersticioso” da realidade, o “abalam” e “sacolejam”. Refletindo sobre a trajetória sofrida do menino Lima Barreto – descrita em seu *Diário*, quando de suas internações por alcoolismo – pode-se avaliar o quanto a memória coletiva interfere na memória individual. Muitas imagens negativas ficaram na memória, assim como os preconceitos que sofria ou pensava sofrer. A partir desses trechos pode-se mostrar como as discussões sobre as memórias individual e coletiva (HAWBVACHS, 2006) estão intimamente relacionadas com as identidades. As afirmativas do escritor sobre a problemática dos preconceitos em relação à sua cor são esclarecedoras:

Fui a bordo ver a esquadra partir. Multidão. Contato pleno com as meni- nas aristocráticas. Na prancha, ao embarcar, a ninguém pediam convite; mas a mim, pediram. Aborreci-me. Encontrei Juca Floresta. Fiquei tomando cerveja na barca e saltei. É triste não ser branco. (BARRETO, 1961. p. 130b)

Como se pôde exemplificar, narrativas propriamente ficcionais de Lima Barreto contêm, portanto, trechos que podem remeter o leitor aten- to a passagens de seus “escritos de si” (GOMES, 1994).

### **3.2. Maria Carolina de Jesus: a temática do lixo (e da marginali- dade) na literatura**

Maria Carolina de Jesus, autora da conhecida obra *Quarto de Despejo*, publicada em 1960, é considerada a primeira autora de ficção contemporânea a tratar de problemas da periferia a partir do olhar de

quem sofre com as baixas condições de vida da população menos favorecida economicamente. Essa ex-catadora de papel é reconhecida como pioneira, também pelos autores da hoje conhecida literatura marginal de periferia, como Sacolinha, um dos integrantes da COOPERIFA. Ferréz, um dos autores mais conhecidos da cooperativa, costuma afirmar que “a primeira autora marginal foi a Carolina de Jesus”. Ferrer acrescenta uma crítica à relação problemática que ocorreu quando do lançamento da obra *Quarto de Despejo*. Afirma o artista que o livro “foi publicado em quarenta países, a autora ganhou dinheiro, mas cometeu o erro de ‘entrar para a sociedade’. Ela torrou todo o seu dinheiro e morreu pobre””. (NASCIMENTO, 2009, p. 6).

A obra *Quarto de Despejo* é constituída por narrativas e poemas que foram registrados em cadernos e, posteriormente transformaram-se em livro. Essa obra, revolucionária para o seu tempo, alcançou grande índice de vendas. Teve nove edições no Brasil e várias outras em países estrangeiros. Os trabalhos ficcionais posteriores de Carolina, orientados também pelo jornalista Audálio Dantas (*Casa de Alvenaria* (1961) e *Provérbios e pedaços de fome* (1963) não mantiveram as mesmas características que consagraram. A obra, sob o mesmo direcionamento de Audálio, não agradou (nem agrada) aos novos escritores da periferia. Eles afirmam que “Carolina foi lançada como escritora também por uma conexão extraliterária – um jornalista – interessada em divulgar seus textos baseados em situações vivenciadas.” (NASCIMENTO, 2009, p. 236) Os textos de Carolina continham contundentes denúncias da miséria e dos desleixos do poder público em relação aos problemas das comunidades carentes em termos econômicos. Mas, mesmo emitindo essas fortes críticas escritores como Sacolinha reconhecem que “Carolina de Jesus é um contraponto interessante” às trajetórias dos escritores radicados na periferia, “primeiramente, por ser um caso individual de autora originária de classes populares, e moradora em favela que se tornou exceção cultural” nos anos de 1960. (NASCIMENTO, 2009, p. 236)

### **3.3. João Antônio: marginal por ofício**

A preocupação do contista João Antônio com a marginalidade das periferias se tornou notória a partir da década de 1960. Esse escritor aproximou o conto da crônica, da notícia de jornal. A partir do lançamento de *Malagueta, Perus e Bacanaço* (1963), o autor se tornou reconhecido em termos literários exatamente por destacar em seus textos situações vi-

vidas por atores sociais periféricos. A maior característica dos contos de João Antônio se encontra no desvelamento de aspectos relativos aos marginais (em todos os sentidos possíveis). De acordo com alguns novos escritores da periferia, João Antônio é uma das “vozes” que mais se levantaram para denunciar o estado complexo da vida dos atores periféricos. Esse contista não pode ser considerado um autor de uma literatura marginal da periferia, como Ferréz, Sacolinha e Sérgio Vaz (os escritores mais conhecidos do grupo da Cooperifa). Mas esse contista-cronista das periferias é respeitado por vários autores (novos e antigos). Érica Peçanha do Nascimento afirma que

a amplitude da expressão permite descrever a trajetória de diversos escritores brasileiros sob a rubrica marginal, mas cabe dar destaque a alguns autores que estiveram mais frequentemente associados a ela – e que, posteriormente se tornaram referências para os escritores estudados pela pesquisa aqui apresentada. Um deles é João Antônio (1937 – 1996), que entre os anos 1960 e 1970 lançou obras (...) que buscaram retratar experiências e práticas de lazer (os jogos de sinuca, por exemplo) dos membros das classes populares, dos malandros, contraventores e trabalhadores. (NASCIMENTO, 2009, p. 39)

Jorge Amado afirmou, na apresentação de uma das obras de João Antônio, que esse artista “trabalha com o lixo da vida e com ele constrói beleza e poesia” (SEVERIANO, 2005, p. 196) Em outro momento, o romancista baiano enviou uma carta onde dizia que João Antônio era “o Lima Barreto de nosso tempo” (*Idem*, p. 238).

### **3.4. A marginalidade como “opção”**

Os autores da literatura marginal da década de 1970 não se encaixam na denominação “marginal” no sentido aqui enfatizado. Chacal, Antônio Carlos de Brito (Cacaso), Charles, dentre outros, são poetas que representam a geração que se tornou adulta sob o estigma do medo da repressão militar. Esses poetas “marginais” pertencem à classe média e assumiram certas posturas críticas diante da repressão militar, mas não integraram, por exemplo, os grupos armados que lutavam contra a Ditadura Civil-Militar, nem conviveram efetivamente com as periferias. Também não intentavam criar uma “literatura engajada”. Entretanto, mantiveram-se à margem dos desmandos do poder e da penúria comum à periferia. Por criarem e distribuírem suas obras de forma independente, sem o comprometimento com editoras, passaram a ser denominados marginais.

#### 4. *Marginalidade e ficção*

Não apenas os doentes mentais, como se vem mostrando até aqui, recebem sanções e coações, para que se encaixe nas normas sociais. A identidade social, vista a partir do prisma da marginalidade dos atores sociais da periferia, desequilibra aqueles que já não se sentem muito bem integrados à sociedade. Reforça-se a já angustiante baixa-autoestima, que causa tantos traumas, como se pode perceber, a partir de toda a obra de Lima Barreto, desde os seus contos mais aparentemente corriqueiros aos seus romances e contos mais sofisticados. Direta ou indiretamente, Lima Barreto enriquece em suas narrativas ficcionais com elementos também grafados em seus “escritos de si”.

Nas franjas do esquecimento, para lembrar uma expressão utilizada por Walter Benjamin (1987, p. 37), Lima Barreto buscava passagens que, se não fosse seu pendor à literatura, perder-se-iam no emaranhado de histórias que toda vida contém. Os constrangimentos pessoais, as dúvidas, as decepções e mesmo a aspiração à morte, impulsionada pela insatisfação em relação ao rumo que sua vida tomou, sucumbiriam juntamente com seu cansado e torturado corpo. Mas à memória, foi adicionada a aspiração ao êxito e, principalmente a capacidade criativa. Assim, elementos biográficos referentes aos períodos de reclusão de Lima Barreto em “colônias de alienados” constam tanto na obra de intenção propriamente ficcional quanto nos textos biográficos. Em *Cemitério dos Vivos* pode-se encontrar acontecimentos verídicos, tratados biograficamente em *Diário do Hospício*.

Alfredo Bosi, em seu texto que prefacia a obra *Lima Barreto Cemitério dos Vivos e Diário do Louco* trabalha detalhadamente essa relação das duas obras citadas de Lima que aqui serve como corpus para que se reflita sobre a inserção da loucura como trágico índice de marginalidade em Lima Barreto. No subcapítulo denominado “O elo entre o testemunho e a ficção”, Bosi, ao tecer um comentário sobre *Diário do Hospício* fornece um excelente exemplo para ratificar a relação dessas duas obras citadas.

O leitor se surpreenderá ao constatar que, no exato momento em que o depoente entra a escavar o passado e aprofundar a sua “angústia de viver”, o texto confessional cede a um lance de ficção. O testemunho que, até então, parecia pura transcrição dos apontamentos de um internado, converte-se na matéria romanesca de uma novela inacabada, cujo título será igualmente *Cemitério dos vivos*. (BOSI, 2010, p. 26)

Lima Barreto narra em *Diário do Hospício*, uma passagem em que um paciente se revolta contra uma agressão sofrida e tem um ataque de nervos. O homem rasga suas vestes e profere palavras que podem servir como exemplo do que até aqui se afirmou sobre o entendimento de que a condição de louco se aproxima da concepção do “marginal” como refugio humano. Caranguejo, um aleijado, cansado das perseguições que sofria, alterado, gritava: “– Eu não sou nada! Ponha tudo isso fora. (BARRETO, 2010, p. 86).

A conclusão desse paciente contida no Diário do Hospício, ratifica a ideia de que os excluídos, os marginais transformam-se em lixo. Vivem como mortos, em um cemitério de vivos, animais como caranguejos e elefantes. Dalton Trevisan, escritor contemporâneo, em seu belíssimo conto, *Cemitério dos elefantes*, cria um cenário, em que os marginais, mendigos, bêbados, enfim, os excluídos, vivem em um local promíscuo, como a de alguns pavilhões de hospício. (FRAZÃO, 2011, p. 10)

## 5. Conclusão

Como se destacou no desenvolvimento do presente trabalho, o termo “marginal” pode referir-se a autores e/ou grupos de momentos históricos distantes e diferentes entre si, como é o caso de Lima Barreto, da poesia marginal dos contos de João Antônio, dos escritos de Maria Carolina de Jesus, à poesia marginal dos anos 1970 e mesmo aos “escritores marginais da periferia”. A exclusão, entretanto é a marca da maioria dos grupos e/ou autores citados.

A problemática da loucura, seguindo o viés da marginalidade é um dos estágios mais dolorosos, pois, seguindo a trajetória expressa nas obras biográfica e ficcional barretianas, prende o cidadão a grilhões invisíveis. A noção de periferia também foi tratada como uma espécie de companheira de infortúnio da marginalidade. Muitas vezes a marginalidade, na literatura brasileira foi utilizada consciente ou inconscientemente como atrativo ficcional. No caso de Lima Barreto, ao contrário a marginalidade oprimia, dificultava o surgimento de qualquer tipo de expectativa de esperança. A marginalidade barretiana internalizou-se e foi, muitas vezes transformada em matéria ficcional. *Cemitério dos Vivos* e *Diário do Hospício* são duas obras que, ao se “interpenetrarem” dão destaque às mazelas que a marginalidade no sentido estudado em Lima Barreto provocam. Ser marginal, no caso barretiano é empunhar uma bandeira identitária cujas cores se concentram, se perdem e se vestem de negro. Negro, aqui entendido enquanto símbolo de resistência. O hospício não

apresentava a Lima Barreto sensações diferentes da que tinha em casa. A casa do louco, como era chamada a casa da família Barreto, também se apresentava como espaço de coação, assim como as ruas do subúrbio, a pobreza, a dificuldade financeira e a cor da pele. A loucura surge como índice de marginalidade e, consciente ou inconscientemente, como saída, campo de denúncia e laboratório ficcional.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTÔNIO, João. *Casa de loucos*. Prefácio de Wilson Martins. 4. ed. rev. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

BARRETO, Lima. *Toda crônica*. Beatriz Resende e Raquel Valença (Orgs.). Vol. 2. Rio de Janeiro: Agir, 2004.

\_\_\_\_\_. *Correspondência*. São Paulo: Brasiliense, 1961a.

\_\_\_\_\_. *Diário íntimo – Memórias*. São Paulo: Brasiliense, 1961b.

\_\_\_\_\_. *Diário do hospício; Cemitério dos vivos*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

BAUMAN, Sigmunt. *Vidas desperdiçadas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

\_\_\_\_\_. *Vidas para consumo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas I – Magia e técnica, arte e política*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BOSI, Alfredo. O cemitério dos vivos. Testemunho e ficção. In: BARRETO, Lima. *Diário do hospício e cemitério dos vivos*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

FRAZÃO, Idemburgo: *As identidades periféricas em João Antônio e Lima Barreto*. Disponível em:

<<http://www.abralic.org.br/anais/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0484-1.pdf>>. Acesso em: 20-07-2012.

GOMES, Ângela. *Escrita de si. Escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 1994

HALL, Stuart. *Da diáspora*. Identidades e mediações culturais. Liv Sovic (Org.) Trad. Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: UFMG; Brasília: Representação da UNESCO, 2003.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. *Vozes marginais na literatura*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.

SEVERIANO, Mylton. *Paixão de João Antônio*. São Paulo: Casa Amarela, 2005.